

Quinta é o dia dos bancos

São Paulo — “Com o espírito desarmado e mais interessado em conseguir amarrar um acordo para garantir a transição do País até a realização das eleições presidenciais de novembro próximo”. É com essa postura que o presidente da Federação Brasileira das Associações de Bancos (Febraban), Leo Wallace Cochrane Junior, irá comparecer à reunião-jantar da próxima quinta-feira, em Brasília, com o ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega.

Pelo mercado financeiro, estarão presentes, além de Cochrane, os banqueiros Roberto Bornhausen (Unibanco e Confederação das Instituições Financeiras), Lázaro de Mello Brandão (Bradesco), José Carlos Moraes de Abreu (Itaú), Oswaldo Maciel (Associação das Financeiras do Rio) e Ney Castro Alves (Bolsa de Mercadorias de São Paulo).

“Já estamos em julho e não adianta mais criticar o Governo”, disse Cochrane. “A hora é de tentarmos colaborar, organizando uma corrente para frente com todos os segmentos da sociedade”.

Tudo o que puder ser feito para corrigir os defeitos da economia brasileira só surtirá efeito com um novo governo, eleito diretamente pelo povo, no entender de Cochrane.

Cortar gastos

Para o banqueiro, não há mais o que fazer em termos de planejamento econômico: “A única coisa que podemos fazer, é sugerir algumas medidas de cortes de gastos, como a venda de imóveis da União, por exemplo, e algum aperto fiscal”.

De resto, no entender dos banqueiros, é preciso formar uma união nacional para que o País atinja as eleições sem ingressar ao mesmo tempo na hiperinflação.

Na opinião de Cochrane, a situação atual da economia brasileira permite imaginar uma travessia sem hiperinflação até novembro. “Dá para levar até novembro. Os juros estão altos, e a demanda vem caindo: por isso, é preciso apenas um pouco da colaboração de todos para que consigamos chegar ao momento do grande pacto nacional, que é a eleição de novembro”, afirmou Cochrane.